

**A EXPERIÊNCIA DA INICIAÇÃO A DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO DE FUTUROS
PROFESSORES DE FÍSICA POR MEIO DO USO DE NARRATIVAS**

Fernanda Cátia Bozelli, Daiana Braga De Almeida Mendonça, Gabriela Selingardi, Maria
Rita De Castro, Wilians Roberto Gonçalves

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Este estudo, de abordagem qualitativa, procurou analisar, por meio de narrativas, as experiências vivenciadas e o processo de constituição docente de três licenciandos de um curso de Licenciatura em Física, de uma Universidade Pública Estadual, que participaram do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em parceria com uma escola pública da rede estadual de São Paulo. O registro das experiências e vivências docentes dos futuros professores foi realizado por meio de narrativas, as quais se mostraram importantes ao possibilitar, posteriormente, a reflexão dos licenciandos sobre suas experiências docentes quanto a expectativas, sentimentos e posicionamentos quanto ao exercício da profissão frente a realidade escolar, permitindo, então, a compreensão sobre o processo de ser e fazer-se professor. Dessa forma, as narrativas, como se buscou apresentar neste trabalho, representam uma estratégia vantajosa, pois permitiu que os licenciandos, ao narrar pudessem refletir sobre sua formação, a prática docente e a legitimação das experiências vivenciadas junto aos professores da escola. Além disso, mostrou-se um importante recurso na produção de sentido à experiência humana e, de modo específico a experiência docente.

A EXPERIÊNCIA DA INICIAÇÃO A DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES DE FÍSICA POR MEIO DO USO DE NARRATIVAS

Fernanda Cátia Bozelli; Gabriela Selingardi; Daiana Braga de Almeida Mendonça; Wilians Roberto Gonçalves. Universidade Estadual Paulista – UNESP. Faculdade de Engenharia.

Maria Rita de Castro. Escola Estadual de Urubupungá. Ilha Solteira/SP. CAPES

Introdução

A narrativa se faz presente no cotidiano das pessoas desde o momento que consegue compreender a fala, fornecendo aos indivíduos uma ferramenta para poder ensinar uns aos outros. Além disso, também tem sido utilizada para compreender o campo da formação docente e a docência.

O distanciamento para olhar o passado possibilita encontrar significado nas ações que se tem hoje e dar sentido a novas posições como professores. Para Freitas e Galvão (2007), o uso da narrativa

[...] inscreve-se na ideia de que, ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nós tínhamos percebido. (p. 220)

Neste sentido, esse trabalho buscou compreender, por meio do uso da narrativa, a experiência vivenciada por licenciandos em Física, bolsistas, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, junto à escola pública de educação básica e o dia a dia da profissão docente durante a realização de ações e atividades inerentes ao projeto.

As experiências aqui narradas são referentes ao acompanhamento dos licenciandos junto à professora de Física, supervisora do projeto PIBID, nas aulas de Física ministradas a turmas de primeiro e segundo anos do ensino médio. O objetivo do uso das narrativas foi para possibilitar a reflexão sobre a experiência docente quanto a expectativas, sentimentos e posicionamentos dos futuros professores de Física frente a realidade escolar, podendo compreender um pouco mais sobre o processo de ser e fazer-se professor e ajudando no amadurecimento vivenciado por cada um dos mesmos.

O uso de narrativas na formação de professores

Segundo Cunha (2009) o uso de narrativas, utilizada como escrita de si, é uma tradição antiga, tendo se originado com a Poética de Aristóteles. Ainda, de acordo com a autora, Santo Agostinho, na Idade Média, e Rousseau, na Idade Moderna, escreveram livros, intitulados “Confissões”, sobre escritas de si, experiências, vivências e hábitos.

Como campo de estudo, o uso de narrativas ocorreu na Antropologia, Filosofia, Sociologia, tratando-se de forma mais contemporânea. Segundo Sousa (2006), no Brasil os estudos com a formação de professores e o uso de narrativas têm crescido a partir da década de 90. Pesquisadores têm, a partir daí, contribuído para as discussões e reflexões acerca do seu uso em estudos que envolvem a formação de professores.

Para Clandinin (1993), o professor, ao narrar suas experiências aos outros, ou até mesmo no ato de escrever as narrativas; ensina e aprende. Aprende, porque, ao narrar, organiza suas idéias, sistematiza suas experiências, produz sentido a elas e, portanto, novos aprendizados para si. Ensina, porque o outro, diante das narrativas e dos saberes de experiências do colega, pode (re)significar seus próprios saberes e experiências.

Bolívar (2001, p.220 apud CUNHA, 2009, p. 4), ressalta o papel da narrativa como “uma estrutura central no modo como os seres humanos constroem o sentido. O curso da vida e a identidade pessoal são vividos como uma narração.” Dessa forma, ao narrar “tanto as trajetórias pessoais e profissionais, os seres humanos produzem um conhecimento estratégico através do qual (re)constroem a própria existência”. Ou seja, destaca-se o papel da narrativa como sendo importante porque no simples ato de narrar, o ser humano pode, simultaneamente, produzir e compartilhar novos conhecimentos com os outros.

Em diálogo com pesquisadores de diferentes áreas, (antropologia, psiquiatria, psicologia) Clandinin e Connelly (2000) apontaram a pesquisa por meio de narrativas “como uma forma de compreender a experiência”, afirmando ser a mesma uma “colaboração entre pesquisador e participantes, sobre um tempo, um lugar ou uma série de locais, e interações sociais com o seu meio” (p. 20).

As narrativas, no campo educacional, podem ser utilizadas tanto como instrumento de formação, valorizando como produto final o processo de produção das narrativas, quanto com fins investigativos, em que as narrativas são usadas como instrumento para a constituição de dados para as pesquisas. No caso aqui considerado, pode-se dizer que as narrativas tiveram ambas as finalidades, pois no início interessava para fins de formação, mas ao final culminou como instrumento para se compreender aspectos da formação dos licenciandos com relação ao exercício da docência.

Metodologia

Este trabalho, de natureza qualitativa, analisou, por meio da escrita de narrativas, o processo experiencial de três dos seis licenciandos do curso de Licenciatura em Física, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Ilha Solteira, participantes enquanto bolsistas do projeto de Iniciação à docência, PIBID, em uma escola pública da rede estadual de São Paulo.

O projeto de Iniciação à docência faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), como ação conjunta do Ministério da Educação, da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Dentre os objetivos do Programa destaca-se a valorização da formação inicial de professores de cursos de licenciatura de instituições públicas de educação superior, que ao proporcionar a incorporação desses licenciandos no cotidiano escolar permite a integração entre ensino superior e ensino básico, promovendo então a possibilidade de escola e professores da rede de Educação Básica seja, também, colaboradores na formação dos futuros professores.

Os licenciandos acompanharam, no total, entre os dois anos de participação no projeto, um professor de Física e uma professora de Matemática¹, que também lecionava a disciplina de Física para dez diferentes turmas, de primeiro e segundos anos do Ensino Médio. Os licenciandos se planejaram de forma a cada um conseguir acompanhar pelo menos duas turmas durante o período letivo junto com o professor supervisor. Foi, então, a partir deste acompanhamento, auxílio nas aulas e participação nas atividades escolares, que os licenciandos vieram, então, a desenvolver as narrativas.

As experiências, considerações e observações vivenciadas pelos licenciandos no ambiente escolar foram registradas por meio de narrativas. Para que se compreenda o processo vivenciado pelos licenciandos — protagonistas deste estudo — é importante ter conhecimento das suas trajetórias no espaço escolar. Ou seja, as experiências formativas dos licenciandos com relação ao exercício da docência, estabelecendo um exercício de leitura e reflexão sobre a própria formação e a prática docente. Desse modo, a escola, nesse processo formativo, foi compreendida como *lócus* de formação e a produção de narrativas, como forma de reflexão e de organização da experiência vivenciada.

O ato de refletir e registrar, por escrito, as experiências vividas não é uma atividade simples e que, por algumas vezes, torna-se um exercício pesado, Porém reconhece-se a importância da reconstrução do passado, de modo que ao fazê-la no presente, seleciona-se o que foi mais importante nas experiências. O que enriquece, com o uso

dessa estratégia, é o fato dela ser ao mesmo tempo investigativa e formativa, pois permite que o professor seja simultaneamente sujeito e objeto do estudo (CUNHA, 2009). Como ressalta Soligo e Prado (2005, p. 35) “a escrita é uma arma poderosa, senão por outra razão, porque seu destino é a leitura. Dessa forma, a escrita documenta; comunica; organiza; eterniza; faz pensar a nós mesmos e aos leitores”.

A participação dos licenciandos nas atividades/ações desenvolvidas na escola parceira ocorreu em diferentes situações, tais como: acompanhamento em sala de aula junto com o professor supervisor na disciplina de Física sob sua responsabilidade; nas reuniões de planejamento escolar; nos conselhos de classe; em reuniões de pais e mestres; reuniões de planejamento de aula; atividades experimentais no laboratório didático, entre outros.

A elaboração das narrativas, ao longo do projeto, evidenciou um processo de resignificação e reinterpretação sobre a escola, sobre a identidade docente, colocando em evidência emoções e razões, as quais antes talvez não fossem perceptíveis.

Narrativas dos licenciandos com relação ao exercício da profissão docente

Ao analisar as narrativas dos licenciandos, desde o início da participação no projeto PIBID e introdução ao ambiente escolar, e a partir disto fazer uma análise das narrativas destes após um período, já com uma experiência adquirida, é perceptível identificar a evolução, o amadurecimento, o comprometimento e a experiência destes, futuros professores de Física, com relação ao olhar para a docência. Um exemplo pode ser verificado nas narrativas do licenciando 01. Nesta primeira narrativa o licenciando, no início de sua participação no projeto e integração com a escola, relata suas reflexões sobre uma situação presenciada em sala de aula e cogita a possibilidade de desistir de prosseguir na profissão docente:

“Não faltou nenhum aluno desta turma e a aula começou no horário. Apesar da pontualidade dos alunos chegarem à sala e se organizarem em suas carteiras, a turma não estava totalmente comprometida com a aula, estavam alheios ao que o Professor ensinava, era como se não estivessem presentes na aula. [...] Assim que notei esse clima entre os alunos comecei então a observar o Professor. Não diferente da classe, ele também estava com uma expressão de desânimo, estava abatido, talvez por estar cansado, ou talvez por sua saúde ou por problemas pessoais, ou ainda pelo conjunto de todos esses fatores. Diante de tudo isso, me perguntei se era justo com os alunos permitir que problemas pessoais do professor interferissem, direta ou indiretamente, em seu

aprendizado, mas em contrapartida refleti sobre a posição que o professor se encontra, as suas condições de trabalho, o desinteresse que as pessoas têm por sua profissão, alunos desinteressados, pais de alunos que esperam que o professor desempenhe um papel muito além do que lhe é de fato obrigação, o governo que insiste em desamparar os profissionais da educação, baixos salários e, além de tudo isso, problemas de saúde e problemas financeiros, que de uma forma ou outra são consequências de sua profissão. Não há como um profissional desempenhar sempre sua função com excelência diante de tanto caos. Ao refletir sobre todas essas coisas, pensei na possibilidade de desistir dessa carreira. Afinal eu conheço um pouco da realidade de um professor e que um dia poderá se tornar a minha realidade, mas, mesmo tendo esse conhecimento, neste momento ainda desejo me engajar nessa profissão.” (Licenciando 01, outubro de 2011)

Fatores externos ao trabalho do professor em sala de aula e também do âmbito escolar, comportamento dos alunos e políticas públicas têm chamado a atenção dos licenciandos, como evidenciado na narrativa anterior. Mas como os professores têm lidado com essa realidade, e que, ao mesmo tempo, foge ao escopo do seu domínio de atuação? Sentimentos de insegurança e incapacidade afligem os futuros professores sobre escolherem o exercício da docência, como atuação profissional. Ferreira (2012) investigou as relações entre a formação inicial e a escolha profissional dos egressos de curso de Licenciatura em Física com intuito de compreender a relação entre fatores externos e internos, que aliados influenciam na tomada de decisão do seguir ou não a profissão de professor. Verificou que “as influências que cercam os egressos, em sua vida pessoal e profissional, dentro ou fora da universidade, não aparecem isoladas ou pontuadas, mas em um emaranhado envolvendo diversos fatores simultaneamente” (p. 91).

O mesmo licenciando, após dois anos de participação no projeto e envolvimento com a escola, já se sente pertencente ao ambiente escolar e compartilha cada vez mais das situações de sala de aula assumindo a postura de professor, já não se lamentando tanto em relação às situações controversas que são inerentes ao ambiente escolar.

“Quando os alunos chegaram já estávamos na sala de aula junto com a professora supervisora. Nesta aula fez-se uma introdução ao estudo dos movimentos, e para isto a professora optou por estimular os alunos a explanarem o que entendiam sobre a ideia de movimento, velocidade, distância e tempo. Particularmente eu acho muito interessante esta metodologia de ensino, que nos permite explorar o conhecimento dos alunos por meio de diálogo, pois ao mesmo tempo em que eles se “obrigam” a refletir e analisar sobre o assunto em questão, saindo da zona de conforto, nós professores podemos

‘diagnosticar’ as concepções e as dificuldades que os alunos possuem sobre aquilo que queremos discutir [...]. Então cabe ao professor(a) saber guiar os alunos nessa discussão, fazendo com que ela seja produtiva e de fato uma metodologia de ensino. Após certo tempo de conversa com os alunos, a professora começou a oferecer exemplos para que visualizassem melhor as relações entre espaço, tempo e velocidade, para isto ela recorreu a situações próprias do cotidiano dos alunos [...]. Aparentemente todos os alunos estavam compreendendo bem o que lhes era ensinado e a professora utilizava muito bem os conceitos físicos de maneira clara e objetiva, permitindo o aprendizado de todos com relação à própria Física e a nós, bolsistas, aprendendo como realizar uma boa aula, dialogada e rica em informações. A aula transcorreu muito bem do início ao fim. Porém, como de costume, alguns alunos não se envolveram, não participaram e nem ao menos prestaram atenção àquilo que lhes era ensinado, apesar de toda a abordagem realizada pela professora. Talvez esse comportamento se extingue no decorrer do tempo, conforme os alunos vão amadurecendo e tomando consciência da importância desse tempo na escola. Estou torcendo por isso! É claro que em algumas situações tais atitudes são tomadas pelos alunos devido o momento que estão vivendo, a adolescência é uma época em que todos querem desafiar aquilo que lhes parece ser imposto. Por outro lado, se tal atitude se prolonga sem a devida intervenção dos pais e escola, isto passa a prejudicar o aluno e o seu desenvolvimento. Isto é, não quero dizer que devemos ser coniventes com a postura desses alunos que estão desconectados com o ambiente de aprendizagem, o que eu quero dizer é que é preciso saber como lidar com tal situação, considerando todos os fatores envolvidos.” (Licenciando 01, fevereiro de 2013)

Nesta narrativa o licenciando valoriza o fato de o professor buscar recursos para diversificar a metodologia de ensino em relação ao ensino de Física, a qual, na maior parte das vezes, fica restrita ao uso de giz e lousa, por meio de exposição direta aos alunos. Poder acompanhar o professor em sala de aula, em uma situação real de ensino, fazendo parte do processo, fez com que vivenciasse a docência e seus desafios, mas, não que isso fosse desestimulador. Pelo contrário, foi importante porque permitiu analisar e a buscar compreender cada vez o que demanda a função do professor, a qual na maior parte das vezes hoje é social (ESTEVE, 1999).

“Os alunos ainda entravam na sala após dez minutos do início da aula. Achei aquela atitude imatura e irresponsável. Alguns alunos demonstraram não ter compromisso com suas responsabilidades. A professora estava com um ótimo humor, tentando envolver todos os alunos ao máximo em suas explicações. Mas tudo aquilo não foi o suficiente. Eu

chego a pensar se teria algo que fosse o suficiente para prender a atenção de todos e estimulá-los a se interessar. Enquanto a professora estava à frente ensinando da forma mais simples possível para que todos pudessem entender, alguns dormiam, algumas meninas conversam alto, vários deles estavam com fone de ouvido ouvindo música, e apenas poucos prestavam atenção. Nessa hora, além de indignado com a situação, senti muita pena dos alunos e da professora, e não a culpa, mas acredito que seja impossível se sentir realizado profissionalmente dando aula em uma sala desanimada como esta. Já os alunos, só vão dar conta que deveriam ter se dedicado (a escola, aos estudos) [...] no futuro [...].” (Licenciando 03, agosto de 2013)

Presenciar uma aula em que um professor encara sozinho o desafio de exercer a sua profissão com dignidade, que é o de ensinar e levar os alunos a adquirirem novos conhecimentos, fazer parte de um universo cultural, social que é de todos, mas para isso ter de conquistar, solicitar a atenção, de diversas maneiras, sem sucesso, faz com que os futuros professores reflitam sobre o exercício da profissão docente na carreira docente e vivenciem situações semelhantes, além de se preocuparem com o próprio futuro, preocupam-se também com o futuro dos alunos. Tais situações trazem aos licenciandos sensações de indignação e pesar com relação a possível futura profissão.

Narrativas dos licenciandos referente às experiências vividas no ambiente escolar: expectativas, insegurança e superação

O primeiro contato com uma turma de alunos e a expectativa sobre como estes se comportariam diante da presença de um novo professor foi um dos sentimentos manifestado pelo licenciando 02. A aceitação ou não dos alunos e do professor é algo que causa desconforto e insegurança, além do fato de ter que demonstrar domínio sobre o conteúdo.

“Hoje é meu primeiro dia no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), apesar de já ter participado de outros projetos na mesma escola. Então já conhecia alguns alunos e inspetoras, estava muito nervosa e ansiosa para saber como os alunos iriam se comportar com a minha presença para auxiliá-los, e também para conhecer a professora da turma. No início fiquei com medo de não saber o conteúdo, ensinar errado, mas logo que entrei na sala percebi que o conteúdo era simples, pois utilizavam a mesma equação para resolver os exercícios, então fiquei mais tranquila”.
(Licenciando 02, julho de 2013)

Nesta narrativa, o licenciando evidencia sua ansiedade com relação ao seu primeiro dia no projeto e na escola. O medo da reação dos alunos e a preocupação de não saber como lidar com situações em que talvez não conheça o conteúdo trabalhado nas aulas incomodam-no. São fatos importantes para se refletir a insegurança sentida pelos novos professores quando entram em sala de aula pela primeira vez.

Na narrativa a seguir, também do mesmo licenciando, vê-se uma situação que foi bastante significativa, pois ao narrar lembra-se de quando era aluno e suas dificuldades. Esse fato é destacado por Freitas e Galvão (2007), ou seja, de que “ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido” (p. 219).

“[...] estava ajudando um grupo de meninas a resolverem os exercícios, quando uma menina me falou que nunca tinha visto aquelas contas na vida dela, fiquei assustada, pois estávamos no fim do mês de agosto e ela nunca tinha visto aquelas contas, logo a aluna me falou que quase não ia para escola, e quando ia dormia na sala de aula e também era a segunda vez que ela está fazendo o primeiro colegial, então tentei conversar com aluna, falando que não poderia desistir, teria que passar este ano, mas ela disse que já estava reprovada, pois tirou zero em tudo, fiquei muito triste e não sabia nem o que falar mais diante dessa situação, nesse momento lembrei-me da época que estava no ensino médio, eu nem faltava nas aulas porque minha mãe ficava brava, sempre tentei me esforçar o máximo, pensava em fazer uma faculdade e ter um bom futuro, e agora vejo essa menina sem perspectiva nenhuma de vida (nenhuma), não tem vontade de nada, é uma situação muito desanimadora, onde nós como futuros professores vemos que os alunos estão cada vez mais desinteressados em aprender”.
(Licenciando 02, agosto de 2013)

Neste trecho o licenciando se mostra desanimado com a situação presenciada, no qual relata fazer o possível para que a aluna em questão se mobilize em favor de si mesma e seu aprendizado. Essa situação o coloca em postura de reflexão fazendo-o lembrar do seu tempo de aluno, no ensino médio, comparando o posicionamento da aluna com o seu posicionamento na época.

Narrativas sobre o sentimento de indignação e surpresas vivenciadas no ambiente escolar

Nesta narrativa, o licenciando 03 tenta encontrar explicações para o comportamento dos alunos confessando se sentir indignado com as atitudes dos

mesmos, além de lastimar por tudo aquilo que presencia, isto é, o professor está interessado e motivado a ensinar e querendo que os alunos aprendam, mas estes se mostram indiferentes a sala de aula.

No trecho da narrativa a seguir, o licenciando deixa claro a sua preocupação em se dar ouvidos ao que se ouve, ou mesmo ao que se lê em artigos. Ele julga necessário que os professores quebrem estas barreiras por amor a profissão, para se satisfazer como docente, para melhorar a sua qualidade de aula e para provar o contrário do que todos dizem.

“Quando os alunos começaram a chegar ao laboratório didático de Física, comecei a recordar várias falas de professores que não utilizavam o laboratório, onde se justificavam dizendo que os alunos de escola pública não teriam comportamento e muito menos interesse no tipo diferenciado de aula, além disso, há vários artigos onde se evidencia as dificuldades dos professores em utilizar este método. Entretanto, hoje eu poderia dizer que não podemos desistir dos alunos, e não podemos julgá-los antes de oferecermos com qualidade um banquete para que eles possam saborear e aprendam a desfrutar deste. Confesso que fiquei muito feliz e satisfeito com o resultado da aula, mas acima de tudo surpreso, pois aquela 01h40min no laboratório foi o suficiente para me provar que é totalmente possível utilizar deste método para as minhas futuras aulas. Esta aula foi muito produtiva, ela foi um sucesso.” (Licenciando 03, novembro de 2013)

Sair da sala de aula para outro ambiente, deixar sua zona de conforto, para se aventurar em uma aula no laboratório didático de física é um grande desafio para qualquer professor, além de estar bem preparado com relação ao próprio conteúdo é preciso estar pronto para as diversas situações que podem ser impostas sem prévio aviso. A situação relatada acima, fez com que licenciando 03 refletisse sobre a mudança de comportamento dos alunos, isto é, alunos ditos perdidos dentro de sala de aula se destacavam na aula laboratorial. Esta rica experiência vivenciada pelo licenciando, além de promover uma reflexão sobre os alunos, potencializou também a reflexão sobre a prática docente e as diversas metodologias de ensino existentes, mas que não se fazem presentes em sala de aula.

Mesmo com essas poucas narrativas é possível identificar elementos que mostram um pouco das reflexões e experiências vivenciadas pelos licenciandos no espaço escolar. Houve uma mudança de postura e compreensão do que esse espaço representa. Essa vivência na escola também permitiu analisar as diferentes metodologias utilizadas pelos professores no dia a dia da sala de aula, tornando essa experiência ainda mais significativa. Desse modo, concordamos com Marquesin e Nacarato (2011) sobre o

fato de que ao compor a narrativa, o professor seleciona palavras que revelem seus saberes e sua compreensão sobre o processo de ensino e a aprendizagem.

Algumas considerações

As experiências vivenciadas pelos licenciandos no decorrer da participação no projeto PIBID foram significativas, pois possibilitou, ao futuro professor, a vivência e a experiência do dia a dia real do professor no ambiente escolar e na sala de aula, não apenas uma hora ou duas horas, mas um período letivo completo, situação real do exercício da profissão. A participação no PIBID proporcionou uma formação diferenciada, real e legítima, e ainda reforçou a parceria entre a Universidade e a Educação Básica neste processo de formação do futuro professor das escolas públicas de educação básica. Isso fez com que se refletisse sobre a potencialidade da parceria entre iniciantes a docência e docentes experientes da escola, apresentando a realidade do ambiente escolar e da profissão docente aos futuros professores. Essa questão traz implicações para a formação inicial de professores, cujo *locus* prioritário de trabalho é a escola. As narrativas, como se buscou apresentar neste trabalho, representam uma estratégica e vantajosa estratégia, recurso, pois permitiu que os licenciandos, ao narrar pudessem refletir sobre sua formação, a prática docente e a legitimação das experiências vivenciadas junto aos professores da escola. Além disso, mostrou-se um importante recurso na produção de sentido à experiência humana e, de modo específico a experiência docente. Nesse sentido, as narrativas têm oportunizado reflexões sobre como os nossos futuros professores atribuem sentidos ao espaço da escola, da sala de aula, de alunos e professores, e dos problemas enfrentados pela escola, os quais são inerentes à profissão.

Referências

CLANDININ, J. D. Teacher education as narrative inquiry. In: CLANDININ, J. D. et al. (Ed.). **Learning to teach, teaching to learn: stories of collaboration in teacher education**. Londres; Nova Iorque: Teachers College; Columbia University Press, 1993.

_____. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. São Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CUNHA, R. C. **A pesquisa narrativa**. Uma estratégia investigativa sobre o ser professor. Disponível em:

<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/35_Renata%20Cristina%20da%20Cunha.pdf>. Acesso em: 13. 05.2013.

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NOVOA, António. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1999, p. 93-124.

FERREIRA, Phamela Camila Peres. **Possíveis relações entre a formação inicial e a escolha profissional**: um estudo com egressos do curso de Licenciatura em Física da Unesp de Ilha Solteira (2005-2011).173f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Física) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp, Ilha Solteira, São Paulo, 2012.

FREITAS, D.; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**, v. 12, p. 219-233, 2007.

MARQUESIN, D. F. B.; NACARATO, A. M. Narrar a experiência e (trans)formar-se: o caso de uma professora diante do desafio de aprender a ensinar geometria. **Interações**, n. 18, p. 54-75, 2011.

SOLIGO, R.; PRADO, G. V. T. Leitura e escrita: dois capítulos desta história de ser educador. In: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (Orgs.). **Porque escrever é fazer História**. Campinas/SP: Graf. FE. 2005. p. 23-46.

SOUZA, E. C. de (Org.). **Autobiografias, História de Vida e Formação: pesquisa e ensino**. Salvador/Bahia: EDUNEB - EDIPUCRS, 2006.

ⁱ No decorrer do desenvolvimento do projeto houve a necessidade de substituir o professor supervisor que era efetivo nas aulas de Física da escola parceira por uma professora de Matemática, que lecionava Física.